

O Lugar da Cultura no Jornal A Tarde: uma Análise do Caderno 2¹

Alissandro Lucas da Conceição Lima²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

O presente trabalho discute o jornalismo cultural no jornal A Tarde, por meio da análise do Caderno 2, criado na década de 1970. O objetivo é compreender o discurso cultural edificado pela publicação. A investigação, que está apoiada em conceitos como cultura, jornalismo cultural, análise do discurso e hegemonia, analisou cinco capas do caderno, uma edição de cada década, sendo o primeiro exemplar e as edições de comemorativa de 10, 20, 30 e 40 anos, contemplando os seus anos de existência cobrindo a cultura da Bahia, verificando as nuances desse espaço e suas contribuições para o cenário baiano. Assim, o trabalho oferece uma visão do espaço da cultura no jornal e do discurso adotado pelo caderno. Iniciamos essa incursão compreendendo cultura na contemporaneidade, onde adotamos o conceito de cultura de Raymond Williams (1993), um dos fundadores dos estudos culturais, que definiu cultura como ordinária “este é o primeiro fato. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seu próprio propósito, seus próprios significados. Toda sociedade humana os expressa nas instituições, nas artes e na educação” (WILLIAMS, 1993, p. 6). A partir desse conceito, Williams afirmou que a cultura é modo de vida de um povo, incluindo todas as atividades do cotidiano, as organizações políticas, a economia e as práticas de diversas atividades, assim como, os processos de criação. Um entendimento da cultura como produção de significados e de valores que permeiam a sociedade. Após essa compreensão da cultura, buscamos entender o jornalismo cultural e esse campo no Brasil, que ganhou força no final do século XIX e se estabeleceu no século XX, precisamente na década de 1950 quando “os cadernos culturais se transformaram em objeto de desejo da maioria dos jornais brasileiros depois que foi criado o Caderno B, do Jornal do Brasil” (BARRETO, 2006, p. 1). Na atualidade, além das seções destinadas à crítica da produção intelectual e artística, e dos cadernos de Cultura, existem mais de 20 títulos de revistas especializadas de diversos setores culturais

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Mestre em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), email: alissandrolucas@gmail.com

em circulação no Brasil (FARO, 2014, BARRETO, 2006). Apesar da sua longevidade e da sua relevância, José Salvador Faro aponta que “o jornalismo cultural ainda não conseguiu produzir em torno de si reflexões acadêmicas que deem conta de sua complexidade” (FARO, 2014, p.10). Uma vez que os profissionais que atuam na área enxergam a atividade apenas por um ângulo comercial e as reflexões acadêmicas são seduzidas por essa relação entre o mercado de bens simbólicos e o jornalismo. Um cenário que pode ocultar a complexidade da produção do jornalismo cultural, tanto do ponto de vista da atuação profissional, como do conteúdo produzido (FARO, 2014). Desta forma, aponta que o jornalismo cultural “constitui-se em um território de práticas jornalísticas que tanto os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas características de conjunturas históricas específicas” (FARO, 2014, p. 13). Em seguida, buscamos entender a história do jornal para compreender os contextos do Caderno 2. Fundado pelo jornalista e político Ernesto Simões Filho, em 15 de outubro de 1912, o A Tarde sempre teve a política nas suas engrenagens fundantes, fruto da forte atuação de Simões Filho como aliado de governos e por ter sido deputado e ministro (LENE, 2019). O vespertino informativo, pretendia ser imparcial, mas não indiferente; neutro, mas não se esquivaria das controvérsias partidárias. Seria mais sereno do que violento mas, se atacado, repeliria a ofensa à altura. Na maioria das vezes, a posição do periódico em face dos problemas locais e nacionais confundia-se com a do seu fundador, diretor e proprietário (SAMPAIO, 2001, apud LENE, 2019, p.72). O posicionamento do jornal A Tarde deixa evidente a relação de poder na qual a publicação se inseriu, assim como atuou de forma hegemônica junto às elites. Considerando neste momento o conceito de hegemonia ampliado pelo marxismo que levou à “definição para as relações entre as classes sociais, especialmente as definições de uma classe dominante”, (WILLIAMS, 1979, p. 111). No que tange ao A Tarde, a sua hegemonia foi observada por Nadja Magalhães Miranda (2001) ao apontar que a postura do jornal sempre foi de se manter na posição de defesa dos próprios interesses. Após explorarmos a história e a linha editorial do jornal, iniciamos as análises das capas, com base na análise do discurso de Michel Foucault. Desde a sua primeira edição, que possuía apenas seis páginas, o A Tarde sempre esteve atento à cultura. Em meio às notícias políticas, policiais e do cotidiano da cidade do Salvador e do estado da Bahia, as páginas do vespertino traziam publicações de poemas, contos e resenhas. Criado

na década de 1970, o Caderno 2 iniciou suas atividades de forma tímida em relação à cobertura jornalística. A primeira capa do Caderno 2, distribuída no jornal de 13 de abril de 1976, revela que a seção cultural do A Tarde foi amadurecendo e ganhando forma com o passar do tempo. Nesse momento inaugural temos dois textos de caráter crítico, uma direcionada ao governo do estado e a outra aos costumes religiosos. Ambas revelando uma “preocupação” com a cultura hippie em Salvador e a cultura religiosa na Bahia. Na edição de 13 de abril de 1986, dez anos depois, o colunismo social ganha força e a resenha um espaço de destaque. Momento em que o caderno começou a se aproximar do formato do jornalismo cultural, “designação que abrange a cobertura regular de eventos e produtos das artes e dos espetáculos. Na sua classificação de produto de cultura de massa, compreende as notícias e sua embalagem” (BAHIA, 2010, p.213). A terceira capa dessa amostra é de 1996. Ela apresenta mais uma mudança editorial, e não estritamente um ganho em conteúdo e no jornalismo exercido no Caderno 2, pois a capa e toda seção se resumia a uma página, trazendo um grande roteiro com a programação cultural de Salvador, com a famosa cotação dos produtos. A publicação de 2006 manifesta uma mudança editorial, jornalística e gráfica. Nessa publicação já é possível perceber as edições do caderno da atualidade. A capa foi estampada por uma reportagem sobre a “Feira de Caxixis e Música”. Escrita por Ceci Alves, conta a história da feira, as novidades e a infraestrutura, trazendo um texto informativo sem caráter crítico ou opinativo. O mesmo ocorre com a edição de 2016, última capa dessa amostra que possui uma estética moderna, mas preservando a mesma linha apresentada na edição de 2006. A capa traz uma entrevista com Jerry. A visita a esses exemplares do Caderno 2 evidenciam o crescimento do espaço da cultura no jornal e uma construção temporal da sua linha editorial e do seu discurso. Um discurso organizado, cheio de sentidos e direcionado ao seu público, as classes A e B de Salvador. Um discurso com mecanismos de ligação e exclusão do sujeito, que obedece à doutrina do jornalismo, mas também às doutrinas impostas pela linha editorial. Após percorrer esse percurso teórico e analítico, podemos perceber que o jornal possui um discurso hegemônico. Entendendo o discurso no sentido foucaultiano como o ato de falar, manter, transmitir e articular ideias, e hegemonia no sentido ampliado de Raymond Williams, que vai além da “manipulação” ou “doutrinação”, para o conjunto de práticas. Os elementos históricos, segundo Foucault, são fundamentais para compreender a formação dos discursos, assim como os seus

contextos que influenciam diretamente na sua construção. Desta forma, procura-se encontrar o verdadeiro discurso e recusar a “alegoria”, como cita o autor, “A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras” (FOUCAULT, 1969, p. 159). Assim, podemos observar no histórico do jornal A Tarde, apresentado neste trabalho, que existe um discurso elitista, atendendo a uma lógica econômica e política, e que colabora para a manutenção do seu status quo vigente, como afirmou Miranda (2001) a apontar a postura do jornal e suas manifestações políticas em defesa dos próprios interesses. Desse modo, podemos afirmar que o periódico é um exemplo claro da produção de sentido gerado por meio do discurso e que por sua vez incentivou a produção de outros sentidos, significados e símbolos. O que nos leva ao conceito de hegemonia elaborado por Williams, que afirmou que a hegemonia não apenas o nível articulado superior de “ideologia” ou formas de formas de controle, “é todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo” (WILLIAMS, 1979, p.113). Esse conceito elaborado por Williams se articula com a dimensão do A Tarde e conseqüentemente com Caderno 2, porque a publicação faz parte desse sistema de significados e valores, que é constitutivo e constituidor. O periódico além de retratar a cultura em suas páginas, também produz significados por meio dos seus autores e comentadores, figuras importantes para a construção do discurso, uma importante ferramenta no processo de fortalecimento da cultura, assim como para a consolidação dos mais variados sistemas hegemônicos que compõem a nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: A Tarde; Caderno 2; cultura; jornalismo; discurso.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. Dicionário de Jornalismo, **Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, 5 ed., v. 2.

BARRETO, Ivana. **As Realidades do Jornalismo Cultural no Brasil**. Revista Contemporânea - UERJ, Rio Janeiro, 2006, n 7.

FARO, José Salvador. **Apontamentos sobre Jornalismo e Cultura**. São Paulo: Coleção Comunicações, 2014.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do Antônio Bento. São Paulo: Ciberfil, 2002.

LENE, Hérica. **Jornais Centenários do Brasil.** Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2019.

MIRANDA, Nadja Magalhães. **Jornalistas em Cena, Artistas em Pauta: análise da cobertura jornalística dos espetáculos teatrais baianos realizada pelos jornais A Tarde e Correio da Bahia na década de 90.** Salvador: UFBA, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.